

LETRAS & ARTES, SUPLEMENTO DO JORNAL A MANHÃ

Ademir Demarchi (UFSC)

Em dissertação de mestrado intitulada *Cultura em busca de vitrines – Literatura & mercado, morte do modernismo & populismo*, apresentada à banca examinadora em junho/91, fez-se uma apresentação ao suplemento cultural *Letras & Artes* (doravante L&A) (1946-53), do jornal *A Manhã* (Rio de Janeiro) quanto aos seus aspectos mais relevantes, preocupando-se em situá-lo no contexto da história cultural, defendida como tendo por principal objeto identificar as práticas ou os modos "como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler".¹

Além desse estudo de apresentação ao suplemento, são partes fundamentais do trabalho também um *Índice Geral* e outro Remissivo de nomes citados ou estudados, concernentes a TODA a matéria publicada no suplemento em suas 288 edições no período de sua existência, 1946-53. Os índices foram concebidos visando facilitar-se a consulta aos pesquisadores interessados nos temas debatidos e nos autores que colaboraram no suplemento, destacando-se as indexações do material publicado com um pequeno resumo crítico ou informativo quando se refere à literatura brasileira.

A Manhã, jornal governista, constituiu-se num importante elemento da estratégia de Getúlio, que visava ao monopólio dos meios de comunicação de massa e também à censura, fiscalização e fechamento ou intervenção efetivadas pelo Departamento de Imprensa e Propaganda – DIP. Este, como extensão de suas atividades, objetivava a divulgação dos atos e idéias do regime, veiculando o nascente ideário populista que impregnaria os diversos setores da sociedade da época, dos integralistas que se somaram ao aparato do governo, aos comunistas infiltrados na máquina sindical e também aos intelectuais que, situados em meios de comuni-

cação como o jornal **A Manhã** e seus suplementos, participaram dirigindo seu imaginário e seus textos ao povo.

Para a montagem dessa peça estratégica que era **A Manhã**, Vargas convidou o escritor Cassiano Ricardo, em nome de sua larga experiência e comprovada influência no meio intelectual, da qual é exemplo a proeza de ter conseguido a assinatura de adesão de Mário de Andrade ao grupo nacionalista **Bandeira**. A apropriação do prestígio de Ricardo por Getúlio concretizou-se com as colaborações que o escritor atraiu para o "órgão do Estado Novo" e na eleição de Getúlio para a Academia, possível com a intervenção do escritor. O prestígio conseguido pelo jornal pôde ainda ser medido por um outro fato relevante da época: a fundação da Associação Brasileira de Escritores – ABDE, na sede de **A Manhã**.

Sob a direção de Ricardo e com apoio da **Academia**, criaram-se os suplementos **Pensamento da América**, dirigido por Ribeiro Couto que, mesclado com artigos literários e políticos, preocupou-se com a integração "das três Américas"; e **Autores e Livros**, dirigido por Múcio Leão, que norteou-se por uma concepção enciclopédica e acadêmica da literatura, com a intenção de historiar a "civilização brasileira" desde suas origens.

Entretanto, diante da crise financeira das empresas governistas e também do próprio regime ditatorial que chegava ao fim, encerrou-se a possibilidade de continuidade do projeto getulista. Com a queda de Getúlio, meses depois, em outubro de 45, entrou-se num período de transição que somente se alterou no ano seguinte, quando ocorreu um rearranjo no mercado de cargos ocupados pelos intelectuais. O fim do Estado Novo e o fim de suas publicações estabeleceram um vácuo, representado pela ausência de um projeto político que direcionasse os esforços dos intelectuais já habituados ao vínculo intelectual-Estado, política-literatura. Não mais sendo possível dar uma função social à arte e à literatura imbricando-as num processo de integração nacional à sombra do governo, os intelectuais, artistas, escritores, tiveram que procurar outra via de sustentação.

E nesse contexto sem pai que **A Manhã** buscou uma razão para continuar existindo: o mercado. Com a saída de Ricardo o jornal sofreu remodelações, reiniciando uma etapa de prestígio editorial que o levou a tiragens massivas para a época, já um ano após as mudanças e a criação do suplemento cultural **L&A**, ao qual se atribuiu o sucesso do jornal.

Iniciando circulação em 12 mai 46, **L&A** foi criado por Jorge Lacerda, um jornalista de afinidades integralistas que chegou à posição de "orientador" do suplemento graças à experiência acumulada na função de

confiança que exerceu em **A Manhã** ao lado de Cassiano Ricardo, reforçada por extensas amizades nos meios culturais.

A estratégia adotada por Lacerda na edição do suplemento abandonou o conservadorismo excessivo de **Autores e Livros**, que era expresso não somente na linha editorial mas também na sua apresentação visual, carregadas e em afinidade com seu objetivo enciclopédico. **L&A**, em sentido oposto, procurou a modernização ditada pela linguagem do mercado cultural que, em consonância com a época do pós-guerra, transitava do modelo francês para o americano, privilegiando mais a imagem que o texto.

A guinada deu ao suplemento a condição de uma revista ilustrada de cunho mais erudito que o normal encontrável nas revistas de massa como **Revista da Semana**, **Fon Fon**, **Careta**, **Cena Muda**, **Vamos Ler**, etc. O modelo adotado em diversos aspectos copiou o sucesso dessas revistas, indo do destaque para a ilustração à realização de concursos literários permanentes e à literatura em gotas, fragmentária, presente nos aforismos e frases filosóficas. Embora abrangendo o texto e tendo nele um dos pilares de sua sustentação, **L&A** buscou a mescla na pluralidade de linguagens, incorporando a fotografia, o desenho, a ilustração, a reprodução de pinturas, xilografuras ou esculturas, numa proporção de razoável equiparação com os textos. Não se caracterizando somente como literário. **L&A** dividiu seu espaço com a filosofia, as pesquisas folclóricas, a arquitetura, a música erudita ou popular como o jazz, as artes plásticas, o teatro, o cinema, a fotografia, o balé, a crônica de viagem e também o columnismo social voltado para os hábitos dos escritores, ao mesmo tempo em que procurava fazer frente às questões filosóficas e estéticas daquele momento.

O corpo de colaboradores de **L&A** foi constituído com reaproveitamento de muitos dos que participavam anteriormente em **Autores e Livros** ou no jornal **A Manhã**, tendo ainda na Academia um sustentáculo respeitável. Com isso a instituição praticamente fez do suplemento seu órgão oficial, a ponto de publicar discursos e manter em **L&A** uma coluna intitulada "No Petit Trianon", editada por Peregrino Júnior que nela contava as rotinas acadêmicas e as fofocas literárias do meio.

O fato de ser jornal do governo, a ligação com a academia e a presença no suplemento de um grupo significativo de escritores marcados pelo apoio ao Estado Novo e pelos movimentos nacionalistas passados ou ligados ao movimento católico, deu a **L&A** um aspecto conservador que se manifestaria em suas polêmicas e nos textos publicados.

Do Anticomunismo a Morte do Modernismo

A coluna assinada por Djalma Viana, pseudônimo de Adonias Filho, é um bom exemplo que situa o jornal ideologicamente: deixando constantemente de tratar de seu assunto em "Através dos suplementos", dedicado à crítica de outros jornais, Adonias Filho engrossou em suas crônicas a onda anticomunista que tomava conta do país e era liderada pela cadeia de jornais de Assis Chateaubriand.

O aspecto conservador de L&A e sua vinculação com a Academia fez dele um espaço privilegiado para um debate sintomático de uma tensão ainda não resolvida no meio cultural e mais especificamente literário: o da luta entre o clássico e o moderno, dessa vez retomado pelos participantes mais conservadores do modernismo. Mais clássica que moderna, a ala mais conservadora do movimento sentiu-se vilipendiada pelo seu ataque aos valores clássicos mas cedeu e aderiu a ele num momento de fraqueza estratégica. Agora, com forças suficientes para impor a sua leitura, num momento dessa vez de fraqueza de seus opositores, de resto mortos como Mário de Andrade, ou indiferentes e assimilados pela instituição como Manuel Bandeira, o grupo de L&A retomou o debate em tom de polêmica declarando a morte do modernismo.

Essa morte, já declarada na revista *Lanterna Verde* (nº 4, nov/36) num balanço organizado por Tristão de Athayde e que talvez não tendo atingindo a repercussão desejada, retornou para garantir a vitória de seu grupo com o mesmo Tristão inaugurando o primeiro número de L&A, em artigo de homenagem aos 10 anos da morte de Ronald de Carvalho.

A liquidação do modernismo transparece como um sentimento comum aos editores e colaboradores de L&A, a ponto do tema nele se refletir insistentemente em intertítulos, manchetes e textos. Tanto que logo após o artigo inaugural de Tristão de Athayde este reapareceria em entrevista em que a intenção se explicita em intertítulo e texto: "Morreu o modernismo com Mário de Andrade" (L&A, 21jul 46, p.13). Dado o mote, outras entrevistas foram realizadas com essa preocupação ao mesmo tempo em que se associava nelas o retorno ao soneto como sintoma de morte do movimento.

A Volta dos Velhos Atores

O espaço aberto que a tradição encontrou para sua consolidação e acomodação com relação ao moderno foi facilitado principalmente por motivos como o arrefecimento das investidas da vanguarda modernista,

motivado pelo perecimento instantâneo com que as novidades eram geradas, diluídas e assimiladas e pelo engajamento político dos modernistas, nascido do credo num papel histórico a desempenhar, próprio das vanguardas. O evanescimento do movimento criou o clima apropriado para a tradição sair do marasmo em que fora colocada e declarar a morte do modernismo.

Com essa atitude a tradição representada pela Academia e por escritores dissonantes com o projeto modernista presentes em *L&A* procurou o estabelecimento de diferença em relação aos traços modernos como a retórica da ruptura, o mito do começo absoluto, a consciência de papel histórico a desempenhar que obriga o olhar para o futuro, a desumanização e devanescimento do sujeito, o declínio da fé religiosa, a morte de deus e do autor, a perda de centro e da hierarquia.

Crentes que então os caminhos da poesia corriam em direção a deus, ao amor, à angústia, à carne, ao homem e à mulher e à mistura do bem com o mal, chegando à paternidade e à caridade poéticas, como nos dá pistas Murilo Mendes (*Lanterna Verde*, nº 6, abr/38), *L&A*, em sua volta ao passado, resuscitou o soneto num concurso que durou de julho de 1948 a inícios de 1949, em todas as suas edições, dele participando na comissão julgadora escritores como Bandeira, Drummond, Murilo Mendes, Cecília Meireles, Cassiano Ricardo e Guilherme de Almeida.

A experiência de *L&A* mostra que ao decretar a morte da vanguarda a tradição faz um retorno às origens que se dá com a volta à religiosidade, à tentativa de re-humanização e reencontro do eu desaparecido na desarticulação simultânea da linguagem e da simultaneidade. O restabelecimento do soneto simboliza a segurança, não mais o devanescer-se mas o reencontrar-se com uma forma segura e conhecida, sinonímia de reencontro com um deus ressuscitado pelo retorno à tradição e às categorias unificadoras. Já não mais a busca do novo, nem a perseguição ao futuro mas o retorno ao passado, à metafísica e à tentativa de centrar o caos da modernidade.

Concomitante à investida pela liquidação da vanguarda e sua tentativa para acomodação com o moderno, a tradição vive a tensão própria do meio intelectual, pressionada pela chegada de novos atores em constante luta por espaço. O concurso de sonetos respondia a essa questão ao mesmo tempo em que se inseria a estratégia simbólica de luta pelo poder "sobre um uso particular de uma categoria particular de signos e, desse modo, sobre a visão do mundo natural e social".²

Embora preso às circularidades ideológicas que o caracterizavam como conservador, o suplemento fez tentativas de ampliar seu leque de colaboradores. Participando nele um grupo de prestígio ascendente no mercado editorial como era o caso de Cecília Meireles, Clarice Lispector, Lúcio Cardoso, Adonias Filho ou Ledo Ivo, dentre outros, o suplemento procurou ampliar sua influência atraindo escritores de prestígio solidificado no mercado ao mesmo tempo em que tentava também amenizar sua aparência ideológica muito definida. Tentou-se então trazer para o jornal escritores como Oswald de Andrade, Carlos Drummond de Andrade e Aníbal Machado, anunciados com certo alarde, seguindo o objetivo da "participação mais viva de elementos dos mais diversos grupos ou correntes". Todos esses entretanto tiveram presença amena no suplemento. E se a apropriação simbólica não se podia dar pela presença efetiva da colaboração desses escritores, ou de outros de grande sucesso no mercado, ela se dava por outros artifícios.

Um desses artifícios eram os **Arquivos Implacáveis de José Conde**, que ocupava duas páginas no suplemento e faziam presentes os grandes ausentes através de fotos, manuscritos, entrevistas, desenhos etc, dando-lhes condição de estrela, expondo suas intimidades e alimentando a fome pelo fetiche. Afinado com sua época **L&A** apontava o declínio da cultura e a avidez da massa sedenta pelo consumo do banal capitaneado pela estética hollywodyana aplicada ao meio intelectual.

Os **Arquivos** se apresentaram como um simulacro de vitrine pelas relações ilusórias que passava ao público leitor expondo imagens da intimidade em profusão, quase desprezando o discurso cerrado, expositivo, do jornal. Privilegiando o que ficava à margem do que se conhecia das personalidades frequentadoras dos meios de comunicação de massa, os **Arquivos** situavam-se como um **relax**, a pausa para descanso no meio do jornal; entre uma crítica e um poema, a intimidade do poeta.

Imbecilização e Populismo Iluminista

A busca de sustentação dos produtores de bens culturais no mercado não se deu de forma pacífica, sem traumas, o que aponta para mais um dos sintomas que levaram ao retorno à tradição: a perda da aura pela obra de arte, provocada pela sua massificação diluidora que do culto religioso passava ao uso político como forma de emancipação das massas. A deglutição grosseira da arte pelas massas emergentes criou um sentimento de relutância e inconformismo nos meios culturais mais eruditos, provocando manifestações contra a massificação e diluição da obra de arte, fato presente também em **L&A**. Um dos inconformados é Murilo Mendes que, na

Mendes que, na série que publica em *L&A*, *Formação de discoteca*, manifesta-se contra a condensação das obras musicais, apontando-a como sintoma da agitada vida moderna (*L&A*, 23jun46,p.11).

A revolta contra a massificação diluidora da arte, provocadora da perda de sua aura, motiva no suplemento uma atitude típica de sua inspiração iluminista, a de tentar educar as massas incultas e sedentas por informação. O horror à massificação da obra de arte por um lado e a simpatia pelas idéias populistas por outro coloca os intelectuais de *L&A* na condição de contribuintes da gênese populista de então que se intensificaria levando Getúlio de novo ao poder. Os traços do populismo aparecem no suplemento desde uma intensa ilustração de suas páginas com xilogravuras e desenhos que têm como tema o povo e o trabalhador, passando por textos de cunho iluminista e indo até textos de gênero diverso que expressam uma relação mais intimista do problema na consciência do escritor.

Letras & Artes cumpriu um significativo papel no campo cultural ao caracterizar-se como uma rede de discursos variados, servindo de ponte entre escritor, artista e mercado, registrando as tensões próprias dessa mudança que apontava novas perspectivas para os agentes. Obrigados a sobreviver não mais à sombra do Estado protetor, os escritores encontraram no suplemento um espaço de trabalho diferenciado que, se por um lado lhes descondicionava da obrigação de direcionar sua criação para a justificação de um projeto político, por outro punha novos problemas, nem sempre pacíficos pela exigência de diluição que se impunha mediante o declínio da cultura e ascensão da sociedade de massas.

Notas

- 1 - CHARTIER, Roger. *A história cultural - Entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand; Lisboa: Difel, 1988.
- 2 - BOURDIEU, Pierre. *Colas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.